

Normalização: uma postura a ser adquirida gradativamente

Neusa Dias de Macedo
Universidade de São Paulo
São Paulo, SP

Resumo – Um posicionamento sério deve ser tomado no tocante à passagem de postura científica e consciência bibliográfica a estudantes, de forma gradativa e sistemática, por meio de treinamento direto e indireto. A normalização bibliográfica não pode ser vista e debatida simplesmente como tema técnico, mas encarada também como questão pedagógica e aliada a questões de metodologia do trabalho de pesquisa. Por isso, visando debater esse aspecto da Normalização, esta exposição levanta problemas e situações concretas focalizando estudantes de 1º a 3º grau, professores e estudiosos em geral, em despreparo para lides de pesquisa, por desconhecimento de metodologia do trabalho de pesquisa, de normalização e uso de recursos da biblioteca. Conseqüência desse despreparo reflete-se na produção caótica e desordenada da literatura científica, vindo a dificultar as tarefas documentárias subsequentes. Sugere-se, então, algumas alternativas de treinamento.

1 Problemas em evidência

Ao longo de mais de vinte anos, por força de atuação como bibliotecário, professora a nível de pós-graduação, graduação e extensão, orientadora de trabalhos de grau e como diretora da revista especializada, pudemos observar, nos mais diferentes níveis, estudiosos em geral (de aluno, professor e pesquisador) tendo dificuldades no momento de delimitar o assunto de seus trabalhos, ou para levantar a bibliografia básica e preparar as anotações de leitura e respectivas citações de fontes, ou para organizar o aparato bibliográfico do trabalho, estruturar e comunicar o resultado da pesquisa.

Muitos docentes, até no final da carreira, têm demonstrado ojeriza ao compor as clássicas notas de rodapé e acabam confessando que lhes faltou orientação quando se iniciaram nas lides de pesquisa. Professores de 1º e 2º graus, em recente experiência em curso de extensão, mostraram completo desconhecimento do que era uma folha de rosto, uma referência bibliográfica, uma pesquisa...

Vítimas de um sistema de ensino que não os tem levado, gradativamente, à aquisição de uma postura científica, desenvolvendo-lhes o espírito investigativo, crítico e criador, os estudantes e estudiosos brasileiros, a duras penas, desenvolvem seus trabalhos e os apresentam na mais perfeita desarmonia. Como conseqüência desse despreparo, publicações dos mais diversos tipos (trabalhos didáticos e de congresso, artigos, relatórios técnicos e teses, livros) são postos a lume com diversas falhas. Mesmo que o conteúdo seja de alto nível e a forma de comunicação e expressão a mais correta, se a documentação de texto for apresentada de modo inconsistente e houver omissão às normas de apresentação do trabalho científico, haverá, por certo, prejuízo aos leitores e aos serviços de documentação.

Principalmente nos eventos especializados em publicações oficiais como este, convém voltar à baila ao tema do *deserviço* prestado por grande parte de autores à Documentação. Os centros de documentação terão suas bibliografias, índices e resumos retardados por falhas da literatura primária. Relembramos que, há mais de vinte anos, a Comissão de Documentação da ABTN já alertara para o problema da produção caótica e desordenada da literatura científica, que viria a dificultar tarefas subseqüentes de reunião, organização, disseminação e reprodução de documentos. Na "Introdução" da publicação do IBBD, de 1964, intitulada *Normalização da Documentação no Brasil*, chamava-se atenção para a importância da "normalização como condição *sine qua non* para que a documentação atingisse seu objetivo: tornar imediatamente acessível os resultados do trabalho intelectual" (ABNT, 1964).

Pena que a iniciativa do antigo IBBD, reproduzindo as normas da ABNT, não tenha sido continuada por seu sucessor. Infelizmente, pelo fato de as instituições de ensino não se filiarem, como membros, à ABNT, de não mais contarmos com publicações que enfeixem as normas bibliográficas num volume e de o ensino de biblioteconomia não estar mais cultivando, com a devida ênfase, a normalização, muito tem-se perdido neste particular.

A situação perdura, como em 1964: as pessoas, continuam embaraçadas no momento da leitura. São publicações apresentadas com falhas "ora com sumários antes, ora depois dos fatos, ora sem sumários, com referências bibliográficas incompletas, sem índices, sem resumos, sem títulos correntes,

sem legendas bibliográficas e, às vezes, sem as mínimas indicações de coordenadas espaço-temporais indispensáveis para a sua localização” (Op.cit., p.6).

O problema evidenciado, na verdade, é algo que precisa ser encarado muito seriamente para busca de soluções do seu cerne, ou seja, a de uma postura e consciência bibliográfica em forma gradativa, desde a formação do estudante no ensino de 1º e 2º graus.

2 Depoimentos para melhor compreensão do problema e busca de soluções

Em vista de falta de estudos de campo e literatura crítica sobre a matéria, permitimo-nos apresentar depoimentos pessoais ao longo de uma forte vivência e perseguição do problema em questão.

2.1 No ensino de 1º e 2º graus

Já com experiência de professora primária, depois licenciada em letras, e atuando como bibliotecária num Centro de Pesquisa da USP, tivemos palpitante experiência com alunos de 2º grau, que pediam socorro à biblioteca especializada. A preocupação com escolares vem, portanto, de longa data.

Aportavam na biblioteca, desesperados, à busca de material para as suas “pesquisas” e quase sempre não encontravam obras que fossem adequadas ao nível de seus trabalhos escolares. Essa situação deu origem a um opúsculo, escrito em 1970, para a Comemoração da Semana da Biblioteca, intitulado *Orientação Bibliográfica ao Leitor: mensagem ao professor secundário, por um bibliotecário* (Macedo, 1970). Numa primeira parte, descrevemos a odisséia do escolar, numa cidade grande como São Paulo, indo à Cidade Universitária ou às bibliotecas públicas procurar material para seus trabalhos, completamente confusos e embaraçados, não sabendo direito o que o professor queria. Na segunda parte, propuzemos uma “orientação bibliográfica”. Até hoje, infelizmente, a situação continua: bandos de alunos chegam à biblioteca pública (porque não existe biblioteca no seu estabelecimento de ensino), numa pressa louca, para “pesquisar”, com assuntos vagos: Navegação aérea. O homem concreto e o homem abstrato etc. Trazem títulos mal expressos e errados, mas nunca levam a mínima indicação bibliográfica. Por chegarem de surpresa, muitas vezes não encontram material específico para o assunto a ser “pesquisado”.

Sem haver interação Escola/Biblioteca; professor/bibliotecário; sem se conhecer a programação mensal ou anual das várias matérias e o tipo de orientação que o professor quer emprestar a determinado trabalho, torna-se difícil às bibliotecas tornarem-se ambientes de pesquisa e verdadeiros laboratórios de ensino/aprendizagem.

Não podendo conjugar uma orientação única, o bibliotecário passa a dar ao aluno um volume de enciclopédia, ou um livro de caráter geral, e até específico quando sua coleção é bem representativa (casos raros), recortes de jornal quando há previsão de procura a tais assuntos. Mas, em vista da massa de dezenas de escolares querendo “pesquisar” os mesmos temas, o que acontece?

Ocorrem simplesmente as cópias mecânicas de páginas de livros e enciclopédias, sem a mínima reflexão! Chegam até transcrever com carbono, e um passar para outro colega. E, agora, com xerox, facilitou mais a coisa. Também nunca foram orientados para a aquisição do espírito da pesquisa: procurar a solução para um problema, ir coletando pontos de vista de diversos autores e, por meio de reflexão, chegar a conclusão própria e/ou a uma mensagem final, vinda do início de um espírito crítico. Lá na escola, finalmente, recebendo a “pesquisa” do aluno, o professor, naturalmente, passa o clássico visto – e missão cumprida! “Pesquisa” feita!

Na verdade, atrás de tudo isso, ocorre um complexo de problemas: falta de literatura que desperte o espírito crítico das crianças, elas se habituem ao livro didático fechado; professores que têm de vencer o programa, nem sempre se atualizando, e que não tiveram formação em questões de metodologia científica e de pesquisa bibliográfica etc.

Somente quando os alunos, além das aulas regulares, ficarem em tempo integral na escola pública (recebendo, os mais carentes, alimentação) e contarem com professores e bibliotecários que os orientem, no próprio estabelecimento de ensino, para que o espírito crítico e criativo e a pré-postura científica possam acontecer no ensino de 1º e 2º graus.

Em recente contacto com mais de 100 professores de 1º e 2º graus, recebemos depoimentos vivos sobre esses problemas e percebemos que muitos deles acham impossível repassar, ao nível de classes de 1º e 2º graus, ensinamentos e metodologia da pesquisa bibliográfica. Escolas particulares de bom nível, tendo tido maiores condições do que as de ensino oficial, parece que estão entrando para o terreno da pesquisa. Sobram, porém, para os pais a obtenção de materiais diários para preencher os requisitos exigidos pelos professores.

Desse encontro com professores, pudemos evidenciar três pontos importantes:

- 1) O despreparo dos professores, provindo de escolas normais e faculdades de diversas áreas, no tocante a questões de técnica e metodologia de pesquisa bibliográfica;
- 2) O reconhecimento de que deveriam ter tido noções sobre pesquisa e técnica bibliográfica durante sua formação;
- 3) O reconhecimento de que os alunos precisam receber extra-classe a orientação devida, especializada, para desenvolvimento do hábito da leitura e da pesquisa em biblioteca.

2.2 No ensino superior

Em nível de 3º grau, quer como bibliotecária quer como docente em cursos de "Orientação Bibliográfica", em áreas de Farmácia e Odontologia; Letras; Comunicações e Artes e inúmeras outras áreas, quando atuamos no Serviço de Referência da Biblioteca Central da UnB, pudemos constatar o despreparo de calouros e alunos de todos os níveis às lides de pesquisa.

Essa vivência remonta desde os idos 1965 até a presente data, observando que a situação pouco mudou. Por experiência própria, temos compreendido que não adianta trabalhar ferrenhamente com os alunos, no 1º semestre do curso de graduação, passando-lhes instrumentais de pesquisa bibliográfica e da organização de trabalhos de pesquisa dentro de normas bibliográficas e espírito científico, se outras disciplinas, em grande parte, não tomam conhecimento desse aprendizado. Com isso, ocorre, retrocesso ao estado inicial dos calouros: não levam em conta a delimitação do tópico, não estabelecem esquema provisório para iniciar a pesquisa bibliográfica e coletar informações para organização de fichas de leitura, não se importam com normas de citação e referenciação, não seguem mais os princípios de apresentação formal do texto etc.

Impressionada cada vez mais com o descaso do ensino a uma matéria tão séria – que é a transmissão de postura científica ao alunado – perseguimos esse tema da desorientação dos estudantes no momento de uma pesquisa como tese de doutoramento. Nesta oportunidade, permitimo-nos o direito de levantar parte de seus resultados a fim de apresentar um depoimento mais concreto para a compreensão dos problemas levantados.

2.3 Na pós-graduação: um estudo de caso

Com fundamentação em estudos de gabinete, experiência pessoal no universo em foco, entrevistas com bibliotecários e estudo de campo com amostra de estudantes de pós-graduação da Universidade de São Paulo, realizamos a tese, iniciada em 1975 e terminada em 1980. Intitula-se **A Biblioteca Universitária: o Estudante e o Trabalho de Pesquisa**, que reflete o tema nevrálgico do trabalho.

Justificamos o tratamento desse tema, tendo em vista a gravidade da conformação geral do ensino brasileiro diante do problema da falta de instrumentalização dos estudantes às lides de pesquisa, deixando-o estratificar-se sem a busca consciente e planejada de alternativas de soluções.

O estudo constitui um desafio, levando em conta ser matéria complexa que envolve a discussão de toda uma problemática educacional e de mentalidade de pesquisa de um país, bem como de uma política de documentação e controle bibliográfico. Restringimo-nos, porém, ao tema proposto.

Foi ressaltada a importância de se levantar o problema da falta de aquisição de uma postura científica, que obviamente deveria acontecer nos ambientes em que realmente estivesse aliado o ensino à pesquisa. Aspecto esse que estaria intimamente relacionado com instrumental de metodologia da pesquisa e normalização bibliográfica. Se a aquisição de hábitos de documentação pessoal e de como bem trabalhar intelectualmente dentro de uma metodologia racional dependessem grandemente de auto-determinação, sua efetivação, por certo, estaria condicionada a todo um esquema didático-pedagógico de instrumentalização que as escolas e faculdades tivessem montado e à existência de infra-estrutura adequada para tal fim. No caso: a biblioteca.

No estudo de campo, propusemo-nos, de forma controlada, a coletar opiniões e a observar o desempenho de estudantes de pós-graduação, com variada formação, no tocante a: uso de biblioteca, hábitos de leitura e atualização, conhecimentos de fontes de informação, normalização bibliográfica e metodologia de pesquisa.

A amostra retirada do universo de pós-graduação da Universidade de São Paulo, em quatro unidades, das áreas de Ciências da Saúde e Ciências Humanas, é constituída de 242 estudantes, ou seja, 10% dos 2.420 alunos inscritos na pós-graduação, no ano de 1975, (Cf. Macedo, 1982).

Destacando alguns pontos que interessam no momento, chamamos atenção para o que segue:

- 1) Os 252 estudantes de pós-graduação se caracterizaram com formação a mais variada: administração, arquitetura, artes, biblioteconomia, biomedicina, farmácia, contabilidade, comunicação, desenho, direito, economia, filosofia, geografia, história, jornalismo, letras, pedagogia, psicologia, publicidade, relações públicas, televisão, teologia e outras, sendo que a maior incidência recaiu em pessoas que exerciam o magistério de 1º e 2º graus. Houve indícios de prática de leitura de fruição e jornais, em bom nível. Entretanto, 31,40% demonstraram não ter hábito de ler revista especializada – o que causa espécie em virtude de, na pós-graduação, ser imprescindível a atualização e a pesquisa por meio desse veículo de *informação corrente*.
- 2) o hábito de frequentar assiduamente a biblioteca levaria a crer que alunos de pós-graduação estivessem ou não pesquisando, pelos resultados da pesquisa, inferiu-se que as condições satisfatórias das bibliotecas, a existência de fontes bibliográficas, a orientação *informal, por parte de bibliotecários de referência*, e a orientação bibliográfica via matérias inseridas no currículo das unidades universitárias estariam condicionando os estudantes a pesquisar. Positivamente, isso aconteceu nas áreas das Ciências da Saúde, e não muito satisfatoriamente nas Ciências Humanas. No primeiro caso, haveria *uma pressão natural da pesquisa experimental que exige atualização bibliográfica corrente*. No segundo caso, a não existência de instrumentos bibliográficos próprios da área (diferentemente da outra, que conta com notáveis bibliografias, índices e resumos), e hábito *e/ou* a necessidade de aquisição de livros próprios e de basear-se na *bibliografia fornecida pelos professores estaria levando grande parte de estudantes dessa área ao pouco uso da biblioteca no que se refere à atualização e pesquisa bibliográfica*.
- 3) Na verificação aos hábitos de atualização e meios de que se servia a amostra pesquisada, para estar a par dos últimos trabalhos publicados na sua área de interesse, a *livraria* obteve o primeiro lugar e a biblioteca o quinto. Para USP, foi interessante verificar que 70 a 80% dos estudantes das Ciências Humanas procuravam as livrarias sediadas no *campus* para se atualizar e adquirir publicações.

Ainda referente à atualização, houve grande incidência na *comunicação interpessoal*, demonstrando que deve haver “um colégio invisível” considerável, neste contexto, quanto à passagem de informações sobre o que há de novo nas áreas em questão, suprindo as deficiências de expedientes de alerta e disseminação da informação das bibliotecas. Por outro lado, a consulta a *resenhas e resenhas* não é hábito arraigado nessa amostra, levando a crer que a própria consulta a revistas especializadas (declarada por 61,57% da amostra) deve ser um costume fortuito, à mercê de obrigações acadêmicas.

- 4) Para que se conhecesse até que ponto os estudantes das duas áreas utilizavam fontes bibliográficas (o que mostraria seu engajamento com pesquisa), foi evidenciado que os Índices e Resumos são fontes procuradas pelos pós-graduados das Ciências da Saúde, e as Bibliografias pela área de Humanidades. Estranhou-se este último fato, em vista de não existir praticamente bibliografias correntes na área. Inferiu-se que a maior parte da amostra em questão, não familiarizada com questões de fontes de informação e pesquisa bibliográfica (Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas) e ligada às bibliografias fornecidas pelo professor, teria confundido Bibliografia/fonte de informação com Bibliografia/listagem. Foi comprovada essa confusão, quando se solicitou nomes de bibliografias utilizadas e as respostas foram praticamente nulas, bem como, quando se perguntou “Qual o motivo da ida à biblioteca”, e cerca de 78% responderam (incluindo aquela parte da amostra) que era para “retirar livros”.

Até agora, podemos revelar que, diante de uma amostra que nos parece representativa, não existe uma alta procura e utilização de fontes bibliográficas que possam indicar a prática da pesquisa bibliográfica. O que estaria ocorrendo com o treinamento de estudantes no curso superior? A Universidade não estaria se interessando em passar-lhe uma postura científica, iniciando pelos cursos de “Orientação Bibliográfica”?

- 5) Por esta pesquisa, constatou-se que quanto a proveniência da orientação no uso da biblioteca, nada houve a nível de curso primário e secundário (décadas de 60 e 70, provavelmente), no curso superior, também, nem por parte da biblioteca nem da escola, houve algo de significativo.

O fato de o estudante de pós-graduação não ter tido orientação no uso da biblioteca pode não implicar que deixe necessariamente de realizar um bom trabalho, mas também não existe qualquer garantia de que ele não tenha feito sua pesquisa em penoso caminho de ensaio-e-erro. Pode-se imaginar que nessas condições, os informantes estiveram sempre realizando o trabalho intelectual e organizando a documentação de seus escritos sem a devida racionalização e com imensa perda de tempo.

- 6) Após explicar o que se entendia por “metodologia da pesquisa”, quisemos saber se os informantes conheciam os passos metodológicos da pesquisa e, em seguida, testamos este conhecimento. Constatou-se que 77,27% acreditavam conhecer, mas, pelo teste, apenas 54,13% comprovaram saber.

Analisando a situação, chamamos atenção para o fato de que a realização de pesquisa bibliográfica implica necessariamente em um mínimo de conhecimento sobre metodologia do trabalho científico e de técnica bibliográfica.

Em alguns contextos universitários, matérias do tipo "Orientação Bibliográfica" são incluídas nos currículos (como disciplinas obrigatórias e/ou optativas). Na USP, seis unidades já abrigam, há muitos anos, essa disciplina. Elas têm o objetivo de passar aos estudantes, geralmente no primeiro semestre, instrumental para o desenvolvimento de pesquisas de modo racional, bem como para preparação da documentação e do aparato bibliográfico do trabalho, conhecimento de fontes de informação na área de interesse e de algumas normas bibliográficas necessárias à produção do trabalho científico.

- 7) Inquirindo os informantes "sobre a forma e quando teriam adquirido conhecimentos de metodologia de pesquisa", verificou-se que "a iniciativa própria" foi a forma que sobressaiu aos meios institucionalizados (biblioteca e escola). Portanto, a universidade não esteve cogitando seriamente de prover esse tipo de instrumental a seus alunos, nem a nível de graduação e nem de pós-graduação.

Por experiência própria, temos algumas restrições a fazer com os cursos de "Orientação Bibliográfica". A ministração da disciplina em si, não basta. Precisa estar vinculada a uma programação didático-metodológica da unidade, engajando todas as outras pesquisas. E, por que não, a uma política geral da Universidade?

Se não houver coesão curricular na observância de uma metodologia básica e de normas bibliográficas ensinadas e praticadas nos cursos de "Orientação Bibliográfica", haverá, por certo, um retrocesso de conhecimento, e dificilmente a universidade conduzirá os estudantes para uma postura científica.

- 8) Citando um último resultado da pesquisa em foco e que interessa à temática desta exposição, destacamos a questão 38 que solicita, dentro das normas que o informante conhece, "a ordenação dos elementos que compõem uma referência de um livro". Por meio de um teste simples, apenas uma parcela de 35,95% comprovou conhecer as normas da ABNT e outra parcela menor de 22,31% demonstrou conhecimento de convenção semelhante, mas o restante (41,74%) enquadrou-se nos que erraram, por completo, a ordenação.

Esses resultados podem não comprovar cabalmente que um pesquisador, que desconheça a sistemática da pesquisa bibliográfica e não se importe

com critérios de referenciação bibliográfica e correta apresentação de trabalho científico, deixe de realizar a contento a sua comunicação científica, mas também não deixa de significar que penou na caminhada bibliográfica e prestou um *deserviço* à documentação e ao leitor.

No caso desse investigador exercer funções docentes, e principalmente se for orientador de dissertações e teses, o que poderá estar reproduzindo de conhecimentos sobre normalização bibliográfica a seus alunos e orientandos?

- 9) Correlacionando os dados já citados com “a influência positiva ou negativa da orientação bibliográfica”, pôde-se verificar resultados paradoxais em alguns casos: nem sempre a “orientação bibliográfica” recebida provocou influência positiva e a forma contrária exerceu influência negativa.

Dois coisas podem ter ocorrido: o treinamento não foi eficaz, de um lado, e houve interesse natural de orientação por “iniciativa própria”, de outro. Esse fato ocorreu com estudantes das Faculdades de Filosofia... que, por força dos seus trabalhos de pesquisa de gabinete, precisam saber citar e referenciar fontes. Com isso, independente de um aprendizado sistemático, vão absorvendo a praxe da área. Na verdade, se tivessem sido bem instrumentalizados nessa matéria, iriam, com maior segurança, repassar a sistemática às suas numerosas classes de 2º e 3º graus.

Como síntese das *conclusões*, temos a afirmar que mais de 50% da amostra em questão não estava desempenhando satisfatoriamente os trabalhos que envolviam pesquisa bibliográfica no seu sentido amplo. Entre as evidências desse falho desempenho, pode-se destacar três pontos:

- 1) Os informantes não utilizavam bem a biblioteca e as fontes bibliográficas.
- 2) Desconheciam as fontes bibliográficas necessárias à pesquisa.
- 3) Desconheciam noções básicas de normalização bibliográfica e de metodologia da pesquisa.

Entre os fatores que podem ter influído, remota ou imediatamente, no desempenho insatisfatório, apontam-se:

- 1) Ensino de 1º e 2º graus falhos, sem biblioteca no estabelecimento para apoiar o escolar na busca correta da informação e no uso adequado dos seus recursos;
- 2) Professores de 1º e 2º graus e do magistério em geral que não receberam durante a sua formação instrumentalização para pesquisa e normalização bibliográfica, ficando impotentes para repassar postura científica e consciência bibliográfica ao alunado;

- 3) Condições satisfatórias de grande parte das bibliotecas que impedem uma assistência mais efetiva ao usuário;
- 4) Trabalhos, nas várias áreas de conhecimento, que não levam os alunos a realizar intensas pesquisas bibliográficas, porque, na maior parte dos casos, o professor é só especialista mas não tem intuição e preparação pedagógica.

O que nos interessa, no momento, é continuar a discussão em torno de soluções ao problema do despreparo dos estudantes e estudiosos, enfim, dos elementos que deverão reproduzir a sistemática da pesquisa e da normalização.

4 Soluções viáveis de treinamento

4.1 Em forma direta:

Em princípio, qualquer forma de treinamento deveria surgir após estudos de necessidades e preferências do público-alvo. Pela experiência e a título de sugestões, achamos que competiria às Escolas de Biblioteconomia, em convênio com Secretarias da Educação e de Cultura, oferecer cursos intensivos, periódicos, aos professores do ensino de 1º e 2º graus.

O programa poderia ser, por exemplo:

- 1 – Conceitos: pesquisa, trabalho de pesquisa, pesquisa bibliográfica.
- 2 – Plano metodológico da pesquisa bibliográfica (visão panorâmica).
- 3 – Preparação (delimitação do tópico, seleção de fontes bibliográficas, localização e obtenção da informação, levantamento da bibliografia básica, estabelecimento de palavras-chave e esquema provisório).
- 4 – Realização/Adoção de uma metodologia de trabalho (referências bibliográficas; método de estudo; tipos de leitura para anotações; resumo; documentação de texto/fichas de anotação; arquivos bibliográficos e de documentos; mecânica de citações; sistema de numeração progressiva; esquemas e sumário).
- 5 – Comunicação (elaboração do plano de assunto; apresentação formal do trabalho de pesquisa; modelos).

Outra alternativa, cuja matéria requer ainda amplo debate, recai na inclusão de disciplinas do tipo “Orientação Bibliográfica” nos cursos de magistério, paralelamente às disciplinas de caráter metodológico.

No âmbito dos cursos superiores, também, paralelamente às matérias instrumentais, a nível de curso básico, a disciplina em foco deveria ser incluída nas escolas e faculdades das várias áreas de conhecimento. Embora tendo tronco comum, os programas devem ter conteúdo e trabalhos de aproveitamento em consonância com as peculiaridades de cada setor e com as necessidades presentes e futuras dos estudantes.

Na biblioteca universitária, independente de matérias curriculares, no início do ano letivo, deve ser proporcionado a calouros um treinamento em caráter intensivo para o uso dos serviços da biblioteca e dos seus recursos bibliográficos. Até nas bibliotecas públicas, deve-se programar visitas orientadas para grupos de interessados, em dias e horário pré-estabelecidos.

4.2 Treinamento indireto

Indiretamente, o bibliotecário, a todo o instante, pode informalmente instruir o usuário na localização de um dado no catálogo, de uma publicação na estante, e fora da biblioteca. Estando a biblioteca visualmente bem comunicada, com adequada sinalização, estantes bem distribuídas e caracterizadas, uma série de expedientes de alerta para comunicar o que há de novo na área e apoiada por publicações que interpretem e divulguem suas coleções, tais como: boletins bibliográficos e informativos, guias bibliográficos, bibliografias, guias da biblioteca, folhetos etc., indiretamente estará tornando o usuário independente para o pleno domínio do seu universo.

4.3 Observância à normalização, por meio de "Manual do Trabalho Científico e de Publicações"

Tanto de forma direta como indireta, pode-se levar estudantes e estudiosos ao conhecimento e à prática da normalização. A experiência mostra, no entanto, que é difícil a fixação dos conhecimentos, tendo em vista uma série de intervenientes.

No momento, gostaríamos de acenar para um ponto de vital importância para conseguir a observância de padronização, a nível, por exemplo, de uma universidade. Esse ponto tem a ver com a produção de trabalhos semestrais do alunado, trabalhos de grau (dissertações e teses), publicações das unidades (relatórios, revistas) e documentos exigidos na pós-graduação, provas e concursos para docentes (protocolo de pesquisa, relatórios para exame de qualificação, currículos, memoriais).

Trata-se de “Manual do Trabalho Científico e de Publicações”, que seria um guia para todos os que tivessem de redigir e preparar trabalhos e publicações. Evitaria problemas e ruídos que surgem no momento da produção e comunicação de qualquer dos documentos já citados.

Esse Manual conteria diretrizes básicas para toda a universidade. De outro lado, à cada unidade caberia preparar seu Manual específico, seguindo de perto o Manual da universidade, mas incorporando as alternativas e peculiaridades que a natureza da área exigir.

5 Considerações finais

A normalização não é um fim mas um meio, uma postura de espírito que vai sendo adquirida com o exercício da pesquisa e do trabalho documentado, e isso poderá ser desenvolvido a partir de 6as. séries quando se pretende desenvolver a criatividade através de trabalhos escritos, orais e muita leitura extra-classe.

Se os professores de 1º grau e até de pré-escola estiverem alertados para as questões de pesquisa e normalização, metodologia da pesquisa bibliográfica e uso da biblioteca, muita coisa já poderá ser dirigida para a aquisição de uma pré-postura científica do seu alunado, evitando a defasagem dos alunos quando entram na universidade.

A partir da pré-escola, quando, através de atividades lúdicas e/ou com intuito de desenvolver imaginação e curiosidade, o ensino estiver conduzindo o pequeno aluno a procurar, por si só, figuras, objetos, letras e números em revistas, jornais e folhetos, estará, obviamente, iniciando a criança à pesquisa. Passando a ela, também, o espírito de coleta e guarda de material, para posterior organização de um cartaz, o professor estará formando-lhe o hábito da documentação. O fato de colocar o nome dela, o local e data no cartaz, estará mostrando que cada documento deve ter uma identificação. Ao organizar uma exposição com esses cartazes e preparar um catálogo ou bibliografia “autores”, estará passando a mensagem da importância da Bibliografia. No momento em que deva contar uma estorinha, mostrando que cada livrinho tem um autor, um título, um local, uma data; que os autores devem ser sempre lembrados; que o livro tem sempre uma estorinha, com personagens dialogando, num determinado local e tempo, passando no final uma mensagem, irá, também, fazendo a criança adquirir o senso de discriminação sobre autoria, referência bibliográfica, estruturação de um texto. Facilitará mais tarde a interpretação de textos e redação de resumos.

Muita coisa poderia ser dita do que se deva fazer para trabalhar estudantes, no decorrer de vários ciclos do ensino de 1º, 2º e 3º graus e da pós-graduação, o que demandaria uma exposição somente para esse tema. Outrossim, o que se faz importante neste momento final é ressaltar que a Normalização não pode ser vista e debatida simplesmente como um tema de tecnologia, mas uma atitude que deve ser adquirida, gradativamente, do 1º ao 3º grau. Num país da América Latina, em que as questões de pesquisa e consciência bibliográfica ainda são deixados para segundo plano, é preciso aproveitar oportunidades como esta para chamar atenção a um posicionamento a ser tomado no que se refere à passagem de postura científica a estudantes e à formação de elementos que irão reproduzir ensinamentos de normalização a estudantes desde a pré-escola ao colegial e ensino de graduação.

Abstract – Awarenesses of the importance of bibliographic standards in all levels of the of education is discussed. Direct and indirect training to achieve this aim are proposed. For direct training, formal courses to be developed in all areas are suggested. For indirect training, informal instruction based on specially organized leaflets, library tours, visual programming and awareness services developed within the library area can be accept. A “Manual” should be edited in order do highlight the bibliographic standards for university papers and academic texts.

6 Referências bibliográficas

1. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, Rio de Janeiro. **Normalização da Documentação no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro, IBBD, 1964.
2. MACEDO, Neusa Dias de. **Orientação bibliográfica ao leitor: mensagem ao professor secundário**. São Paulo, Biblioteca Pública “Mário de Andrade” e APB, 1970.
3. MACEDO, Neusa Dias de. Uso da Biblioteca e elaboração do trabalho de pesquisa: resultado exploratório com estudantes de pós-graduação na USP. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, 10(2): 129-46, 1982.

7 Bibliografia recomendada

1. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, Rio de Ja-

- neiro. **Normas ABNT sobre documentação**. Rio de Janeiro, 1978. v.1. Novas normas (NBR), maio/1980, estão em circulação.
2. ASTI VERA, Armando. **Metodologia da pesquisa científica**. 6.ed. Porto Alegre, Globo, 1980.
 3. BARBOSA, Dorothea. **Orientação bibliográfica**. Curitiba, UFPr, Instituto de Ciências Humanas, Depto. de Biblioteconomia, 1972.
 4. BARRAS, Robert. **Os cientistas precisam escrever: guia para cientistas, engenheiros e estudantes**. São Paulo, T.A. Queiróz, Ed. da USP, 1979.
 5. BOYD, Jessie et. al. **Bibliotecas como organizar; pesquisas como orientar; leituras como selecionar; manual para uso eficiente de livros e bibliotecas**. Trad. Sílvia Jatobá; adapt. e rev. Alice Carvalho. Rio de Janeiro, Lidador, 1968.
 6. CASTRO, Cláudio de Moura. **Estrutura e apresentação de publicações científicas**. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1976.
 7. CERVO, Amado Luiz & BERVIAN, Pedro Alcino. 2.ed. rev. ampl. **Metodologia científica para uso dos estudantes universitários**. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1977.
 8. GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. 2.ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1975.
 9. GATES, Jean K. **Como usar livros e bibliotecas**. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro, Lidador, 1972.
 10. FERREIRA, Lusimar Silva & FERRO, Rubem Rodrigues. **Técnicas de pesquisa bibliográfica e de elaboração de monografia**. São Luis, Associação Profissional de Bibliotecários do Estado do Maranhão, 1983.
 11. KOTAIT, Ivani. **Editoração científica**. São Paulo, Ática, 1981.
 12. LITTON, Gaston. **A pesquisa bibliográfica em nível universitário**. Trad. Terezine Arantes Ferraz. São Paulo, McGraw-Hill, 1975.
 13. LUFT, Celso Pedro. **O escrito científico**. 4.ed. Porto Alegre, Liv.Lima, 1974.

14. MACEDO, Neusa Dias de. **Metodologia da pesquisa bibliográfica, tendo em vista o trabalho de pesquisa**. São Paulo, 5.ed., 1987.
15. ————. Normas para a referência bibliográfica. **Revista Pedagogia**, São Paulo, 11(21): 71-130, 1966.
16. ————. **Orientação bibliográfica ao estudante**. 3.ed. rev. São Paulo, Edigraf, 1974.
17. ————. & MOREIRA Fátima G. Resumos: subsídios para a sua elaboração. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, 10 (1/2): 65-72, jan./jun., 1978.
18. MADDOX, Harry. **Como estudar**. 2.ed. Trad. Liza Vieira. Porto Alegre, Liv.Civilização Ed., 1969.
19. MEENES, Max. **Como estudar para aprender**. Trad. Jorge Escobar. Buenos Aires, Paidós, 1965.
20. MIRA Y LOPES. **Como estudar e como aprender**. 2.ed. Trad. José Carlos Correa Pedroso, São Paulo, Mestre Jou, 1968.
21. MOISÉS, Massaud. **O guia prático da redação**. 5.ed. São Paulo, Cultrix, 1973.
22. MORAES, Ivany Novah & CORREA NETO, Alípio. **Metodização da pesquisa científica**. São Paulo, Edigraf, 1970.
23. MORGAN, Clifford T. & DEESE, James. **Como estudar**. 5.ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1972.
24. PRADO, Heloisa de Almeida. **Organize sua biblioteca**. 2.ed. São Paulo, Polígono, 1971.
25. RATHS, Louis et al. **Ensinar a pensar: teoria e aplicação**. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo, Helder/EDUSP, 1972.
26. REY, Luis. **Como redigir trabalhos científicos**. São Paulo, Edgar Blucher, Ed. da USP, 1972.
27. SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia: elementos de metodologia do trabalho científico**. 5.ed. Belo Horizonte, Interlivros, 1977.

28. SALVADOR, Ângelo Domingos. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**. Porto Alegre, Liv. Sulina, 1970.
29. SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**; São Paulo, Cortez & Moraes, 1979.
30. ————. **Métodos de estudo para o 2º grau**. São Paulo, Cortez & Moraes, 1984.
31. SPINA, Segismundo. **Normas gerais para trabalhos de grau: breviário para o estudante de pós-graduação**. São Paulo, Ed. Fernando Pessoa, 1974.
32. WLASEK FILHO, Francisco. **Técnica de preparação de originais e revisão de provas tipográficas**. 2.ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Agir, 1977.

TRABALHOS CRÍTICOS

33. MACEDO, Neusa Dias de. **Biblioteca pública: re-exame de seus objetivos e o problema do atendimento aos escolares**.
34. ————. **Orientação bibliográfica ao leitor: mensagem ao professor secundário**. São Paulo, Biblioteca Pública "Mário de Andrade" e APB, 1970.
35. A "pesquisomania" no ensino de 1º e 2º graus. In: ————. **A biblioteca universitária: o estudante e o trabalho de pesquisa**. São Paulo, 1980. Tese (dout.) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.
36. MILANESI, Luís Augusto. Orientação bibliográfica: uma experiência. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, 11(1/2): 47/64, jan./jun., 1978.